



3 a 6 de novembro de 2009 - Londrina – Pr - ISSN 2175-960X

O ALUNO CEGO NO ENSINO REGULAR: UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

AUTORES: ARAÚJO, Giselle de Oliveira¹; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas²; OLIVEIRA, Luciana Barros de³; RIBAS, Ruth Cilene Patrocínio⁴

Resumo

Este é um relato de experiência baseado no trabalho desenvolvido pelo Programa de Deficiência Visual da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, realizado com alunos cegos matriculados no Ensino Fundamental em diferentes unidades. Da referida rede de ensino, relata-se experiências e reflexões no sentido de compartilhar desafios e perspectivas.

Faz-se um retrospecto histórico tendo seu início na década de 90 com a organização do primeiro trabalho voltado especificamente para deficiência visual, até o trabalho atual com a inclusão de alunos cegos em várias unidades desta rede municipal de educação.

O programa é composto por profissionais da área de Educação com especialização em Educação Especial em deficiência visual, responsáveis por consultorias e capacitação aos profissionais de educação, objetiva-se:

- a) Desenvolver programas de formação continuada para os professores da rede de ensino.
- b) Identificar experimentações necessárias aos processos de ensino e aprendizagem de acordo com a condição inerente ao estudante.
- c) Oportunizar recursos e estratégias que viabilizem o aprendizado significativo do aluno.

Essas ações da equipe, associadas a um trabalho de mediação junto à professores inseridos na situação, têm se mostrado eficazes para o bem estar físico e emocional dos estudantes acompanhados, bem como, para a melhoria das suas condições indispensáveis à aprendizagem e futura formação profissional qualificada, desde o ingresso até o final de sua trajetória acadêmica.

Palavras-chave: inclusão; necessidades educacionais especiais; cegos; deficiência visual.

Summary

¹ Pedagoga UNISUAM, Especialista em deficiência visual ISERJ/IBC, Psicopedagoga UCM, Consultora do Programa de Deficiência Visual SME/ Duque de Caxias. giselleoaraujo@yahoo.com.br

² Psicóloga UFRJ, Mestre em Educação UERJ, Doutora em Ciências FIOCRUZ, Professora Adjunta do Departamento de Educação Inclusiva e Continuada da Faculdade de Educação / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Coordenadora de Educação Especial da SME/ Duque de Caxias- Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ) Rio de Janeiro / RJ, professoraediclea.uerj@gmail.com

³ Bióloga UNIGRANRIO, Especialista em Educação Inclusiva UCB, Consultora do Programa de Deficiência Visual SME/Duque de Caxias. lb.oliveira1970@uol.com.br

⁴ Pedagogia UERJ, Especialista em deficiência visual IBC, Administração Escolar UCM, Consultora do Programa de Deficiência Visual SME/ Duque de Caxias. ruthcileneribas@yahoo.com.br



This is a bug experience based on visual disability program of the Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias blind with students registered in school in different units of the educational network reported experiences and reflections in order to share challenges and prospects. A retrospect history taking its inception in the 1990s with the Organization of the first work specifically for visually impaired-facing until the current job with the inclusion of students who are blind in municipal units of this network of education. The program is composed of professional education with specialization in special education, responsible for consulting and training, education professionals, Parker: a) develop continuing training programmers for teachers teaching network; (b) identify experiments required for teaching and learning processes in accordance with the condition inherent in the student c) to give features and strategies enabling meaningful learning. These team actions associated with a mediation with the teachers placed on the situation, have proven effective physical and emotional well-being of students, as well as to improve their conditions necessary for the learning and future qualified vocational training, since joining until the end of his academic career.

Keywords: inclusion; special educational needs; blind; impaired vision.

Introdução

Este relato está comprometido com a educação realizada e no Município de Duque de Caxias, considerando a abordagem sócio-histórica, que remete-nos a compreensão do homem como ser social desenvolvendo-se a partir das interações com outros sujeitos, segundo Freitas, 1994, p.104 “a aprendizagem como um processo essencialmente social_ que ocorre na interação com adultos e companheiros mais experientes, onde o papel da linguagem é destacado_ percebe-se que e na apropriação de habilidades e conhecimentos socialmente disponíveis que as funções psicológicas humanas são construídas com enfoque caracteristicamente pedagógico.”

A forma como a sociedade, ao longo dos tempos compreende e direciona as especificidades pedagógicas decorrentes de todos os tipos de deficiências é que pode modificar e ampliar as possibilidades de uma vida melhor a todos. Dada a especificidade da perda da visão, pessoas com deficiência visual requerem um processo de ensino que exigem suportes que atendam as suas singularidades.

A deficiência visual afeta pessoas de todas as idades, independente de sexo, grupo étnico, raça, ancestrais, saúde, posição social e outras condições específicas. O indivíduo pode nascer com uma deficiência visual ou adquiri-la durante qualquer fase da vida.

A deficiência visual inclui dois grupos que devem ser considerados: a baixa visão e a cegueira. Pedagogicamente, delimita-se como cego aquele que, mesmo possuindo baixa-visão necessita de instrução em Braille (sistema de escrita por pontos em relevo) e como, pessoa com baixa visão aquele que lê tipos impressos ampliados ou com o auxílio de potentes recursos ópticos. (MEC, 2001)

Na antiguidade, pessoas com deficiências mentais (intelectuais), físicas e sensoriais eram consideradas aleijadas, anormais, ou deformadas. Essas pessoas eram abandonadas ou



retratadas como a degeneração da raça humana. Com as práticas advindas do cristianismo, surgiram as primeiras instituições com o propósito de assistir e proteger as pessoas deficientes que se encontravam marginalizadas e abandonadas pela sociedade.

A filosofia humanista que marca a Idade Moderna, considerando a evolução das ciências, dá um direcionamento diferenciado aos problemas relacionados ao ser humano. O avanço das ciências trás um diagnóstico aos deficientes, que passam a ter uma educação sob o enfoque da patologia em questão, essa prática retrata o início de uma integração àqueles que antes eram considerados pobres coitados ou inaptos aos processos educacionais existentes.

Destacam-se as instituições especiais como o primeiro espaço de escolarização de pessoas com deficiências. No Brasil Império é criado o Instituto Imperial para Meninos Cegos, atual Benjamin Constant. É, porém em 1974 com a criação do Centro Nacional de Educação Especial que os Estados intensificam a oferta dos serviços para educandos com deficiências nas redes públicas de ensino. O município de Duque de Caxias implantou o Serviço de Educação Especial na década de 70, inicialmente para educandos com deficiência intelectual e auditiva.

Ainda hoje, no início do terceiro milênio, somos constantemente surpreendidos por atitudes preconceituosas e por associações à deficiência como sendo uma herança maldita, uma incapacidade generalizada ou obra do criador, muito embora seja justo reconhecer os avanços decorridos de todo um processo histórico. No momento atual estamos reescrevendo a história dentro de uma perspectiva inclusiva.

Método

O Método é uma pesquisa qualitativa baseada em fontes documentais baseado em uma revisão histórica na tentativa de resgatar dados acerca do processo de transição entre a proposta de trabalho pedagógico com alunos cegos, iniciada em 1990 e a perspectiva inclusiva do momento atual, assim como relatar a história e a expansão do trabalho realizado. Utilizaram-se as seguintes fontes: jornais, fotografias, registros de consultorias e depoimentos. Materiais estes utilizados no sentido de compilar as fontes documentais para o resgate da história e da memória deste atendimento.

População pesquisada

Em 1990, ano em que, como já mencionado, foi iniciado o processo de escolarização de pessoas cegas na rede Municipal de Educação de Duque de Caxias, a população inicial era composta por adultos sem escolarização, atendidos em uma Unidade Escolar, com três profissionais capacitados envolvidos no trabalho. Com o aumento da demanda, atualmente o atendimento educacional especializado é oferecido às crianças desde a pré-escola até o segundo segmento do ensino fundamental.

Resultado

Ressaltando a dimensão histórico-cultural, cujos princípios apontam para práticas coletivas a serem construídas de modo comprometido e responsável, é necessário garantir interações para uma compreensão de que os seres se constituem em determinado contexto histórico e social. O relato nos faz reconhecer que alterar práticas historicamente incorporadas não é uma tarefa rápida e fácil, mas que exige acima de tudo respeito e um modo diferenciado de lidar com conflitos próprios desse processo.

São muitos os obstáculos e desafios a serem ultrapassados e vencidos, quando o assunto é educação inclusiva, particularmente em um país de contraste como o nosso, onde convivem grandes desigualdades econômicas e sociais, observamos a construção de uma educação, não como uma meta a ser atingida num futuro distante, mas como prática efetiva que deve ser realizada no momento presente. Nesse sentido, o município de Duque de Caxias, vem investindo desde 1990 numa proposta que prevê a formação continuada do professor do ensino regular, bem como, do professor responsável pelo atendimento educacional especializado lotado nas salas de recursos, propiciando seu desenvolvimento profissional e, atualmente é adotado o sistema de consultoria por entender que é um modelo que responde de forma significativa as necessidades educacionais.

Segundo relato dos alunos que passaram por experiências anteriores, o acompanhamento feito pelo professor do atendimento educacional especializado, assim como, as consultorias realizadas são responsáveis pelo bom resultado do processo de inclusão destes alunos.

Os argumentos demonstrados pela escola e a resistência desse processo de inclusão reflete a dificuldade de atuar diante da complexidade, da diversidade, da variedade, do que é real nos seres e nos grupos humanos, estes foram os argumentos revelados na análise dos registros de consultorias. Esta resistência vem sendo superada com a formação continuada realizada mensalmente, cujo foco é o desenvolvimento da competência de resolver problemas de caráter pedagógico.

Com a perspectiva que se abre à educação escolar partindo da implementação de projetos inclusivos é que se propõe nestes encontros mensais a discussão a cerca de quais adaptações curriculares precisam ser realizadas de acordo com as potencialidades do aluno cego.

Os resultados desta pesquisa permitiram ilustrar que a organização de políticas públicas de acesso e qualidade do processo educacional avança com a perspectiva da educação inclusiva. O programa, por meio de suas ações, tem proporcionado crescente atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais, visando um acompanhamento da trajetória desses alunos, sua permanência e aprendizagem.

Espera-se que este relato venha colaborar para o polêmico debate sobre inclusão/ exclusão escolar.

Discussão

Nosso passado

Segundo Fernandes,1994, o trabalho iniciado na década de 90 tinha como pressuposto o atendimento educacional especializado para alunos cegos em classes especiais, na Escola



Municipal Pastor Oscar Dias em parceria com a ONCE Organização Nacional de Cegos da Espanha, que realizaram a primeira doação de materiais específicos.

O trabalho foi organizado inicialmente com uma sala de recursos para 10 alunos adultos, esta demanda surgiu a partir de um fórum de educação, onde participavam adultos cegos onde na ocasião a Divisão da Educação Especial tinha à frente a Coordenadora de Equipe, duas professoras cegas, uma professora vidente e uma psicóloga educacional. Nesta época ainda não havia procura de vagas para alunos mais jovens. Esta turma mudou-se em 1996 para o CIEP Municipalizado 405, onde também foi estruturado um trabalho para atender a nova demanda de alunos com idade escolar (6 a 14 anos).

Momento atual, concepções teóricas e prática pedagógica:

Atualmente o processo de educação de pessoas cegas ocorre em várias regiões do Brasil, com suporte em sala de recursos, professor itinerante, salas especiais e nos Centros de Apoio Pedagógico e esta tendência na educação nacional foi também identificada na rede de Duque de Caxias.

A Secretaria Municipal de Educação, através da Coordenadoria de Educação Especial, baseando-se na legislação vigente em nosso país, voltada para a ação educacional de todos os alunos, realiza um trabalho que busca respostas específicas para os alunos da rede municipal de educação de Duque de Caxias com deficiência visual (cegos e baixa-visão).

Dentro das possibilidades curriculares da rede municipal de Duque de Caxias, crianças menores que 6 anos são encaminhadas para a creche com suporte em sala de recursos, por entender que quanto antes ocorra a intervenção pedagógica, melhor será seu desenvolvimento.

A criança deficiente visual é antes de tudo, uma criança. Suas potencialidades intelectuais, afetivas e motoras estão intactas, mas devido ao fato da sua percepção visual ser nula ou reduzida, ela necessita de uma educação apropriada e específica ao seu desenvolvimento. Esta criança não sorri nem estende os braços quando a mãe entra no quarto, fica quieta em silêncio porque está tentando perceber, pelos sons, o que se passa à sua volta. Uma das primeiras coisas que os pais precisam aprender é encontrar substitutos sonoros e táteis que ajudem a criança a identificá-los. E isto acontecerá por volta dos 10 meses de idade, quando o bebê já for capaz de reconhecer e de demonstrar prazer com a sua presença.

É nesta altura que ela se torna capaz de começar a associar sons, objetos, vozes de pessoas que tem maior contato. Este tipo de informação, tão simples, ajuda ao processo de desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, estes conhecimentos nos aproxima das concepções sócio-interacionistas, nos estudos realizados em Vigotiski, seus conceitos como Zona de desenvolvimento proximal (ZDP), compensação e mediação embasaram e ressignificaram o trabalho pedagógico desenvolvido neste município.

A falta ou o uso limitado da visão impede o interesse da criança na sua aprendizagem. A motivação é necessária para aprender a sentar-se, para ver melhor o que se passa a sua volta, engatinhar para alcançar os objetos que pretende, a andar porque pretende imitar o que os outros fazem. Assim, esta criança desenvolverá estas habilidades motoras mais tardiamente que as crianças que vêem.



3 a 6 de novembro de 2009 - Londrina – Pr - ISSN 2175-960X

(...) o aprendizado das crianças começa muito antes de elas freqüentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. (VYGOTSKY, 1994: 110).

A visão é um sentido que engloba e antecipa as vivências do mundo, nós podemos observar o que ainda vai acontecer e prever quem está chegando perto, lemos o mundo a nossa volta de forma visual incluindo as reações das pessoas ao nosso redor, assim a falta da visão acarreta efeitos diretos no desenvolvimento e aprendizagem da criança de forma imediata numa relação de causa e efeito, interferindo diretamente nos aspectos referentes ao alcance e variedade de experiências, formação de conceitos, motricidade, localização espaço-temporal, interação com o ambiente e com o outro dando-lhe acesso à informações diárias imprescindíveis para a leitura de mundo.

Essa leitura de mundo deve ser aprendida mediante novos esquemas que se organizam e compensam o sentido que falta. O cego lê o mundo de acordo com sua percepção retirada de informações como: a entonação de voz do outro, a posição corporal que o outro se coloca, os cheiros e os sons ao seu redor e outras informações que o meio social lhe transmite. Todas estas informações fazem parte do contexto sócio-cultural, e a criança apropria-se através das intervenções e mediações que lhe são propostas, estes são desafios que favorecem e ampliam seu grau de percepção.

“... cualquier defecto origina estímulos para la formación de la compensación(...) eso el estudio dinámico del niño que presenta deficiencias no puede limitarse a la determinación del grado y de la gravedad de la insuficiencia, pero incluye indispensablemente el control de los procesos de compensación, de sustitución, procesos edificadores y equilibradores em el desarrollo y em la conducta del niño.”(Vigotski,p.5,1989)

Caso a criança cega não receba as mediações e intervenções para suas novas descobertas e aprendizagens, além dos efeitos diretos que são intrínsecos da deficiência, poderá sofrer efeitos indiretos, pois esses são provenientes da cultura e do meio em que vive.

“Tanto el desarrollo como la educación del niño ciego tiene que ver no tanto com la ceguera por si misma, como com sus consecuencias sociales.”(Vigotski,p.9,1989)

Estes princípios também se aplicam aos alunos matriculados até o 4º ano de escolaridade, com professor capacitado para instrumentalizá-lo no Sistema Braille (leitura e escrita) e Soroban (técnica de cálculo matemático), assim como os demais saberes necessários a sua inclusão no ensino regular.



Aos alunos matriculados com mais de 14 anos, sem escolarização são oferecidas as mesmas possibilidades dos alunos menores que 14 anos, os mesmos seguem o currículo do Ensino Regular Noturno, respeitando a especificidade de cada aluno.

A Sala de recursos é um ambiente com recursos pedagógicos específicos à natureza dos atributos do educando, onde se oferece acompanhamento pedagógico com professor capacitado.

Na sala de recursos são atendidos alunos com deficiência visual de diversas faixas etárias, matriculados em diferentes níveis ou tipo de ensino, pode ser organizado de acordo com as necessidades do educando, podendo ser realizado individualmente ou em grupo.

Alguns dos recursos específicos utilizados na rede Municipal de Educação são: máquina Perkins, reglete, punção, papel para escrita em Braille (quarenta quilogramas), cadernos com pautas ampliadas, bengala, material em relevo, além de materiais didáticos para uso de alunos cegos ou com baixa visão.

Temos como objetivos específicos nesta modalidade, favorecer o processo de inclusivo dos alunos com deficiência visual, nas diversas etapas de sua escolarização, bem como, mediar a aprendizagem através de recursos e técnicas específicas relacionando com as experiências, vivências e conhecimentos que a criança traz consigo e que devem ser utilizados para formação de novos conceitos.

Na sala de recursos são oferecidas as adaptações específicas incluindo a transcrição de tinta para o Braille e do Braille para tinta, as adequações necessárias de materiais, construção de materiais em relevo e a garantia do acesso à continuidade ao aprendizado do Braille e do Soroban.

A sala de recursos propõe-se a trabalhar a formação de conceitos com base nas informações tátil, auditiva, sinestésica e olfativa, conceitos estes que o acompanharam por toda sua vida dando-lhe autonomia tanto para sua vida social, como a garantia para sua vida acadêmica. Este é um dos ambientes que privilegia a convivência e a interação com diversos meios de acesso à linguagem, conceitos, leitura, escrita e aos conteúdos escolares em geral.

A linguagem amplia o desenvolvimento cognitivo porque favorece o relacionamento e proporciona uma relação com o que está fora de alcance pela falta da visão. Trata-se de uma atividade complexa que engloba a comunicação e as representações, sendo um valioso instrumento de interação com o meio físico e social. Fontes traduzindo Vigotiski, corrobora com este pensamento, “A criança começa a perceber o mundo não somente através dos olhos, mas também através da fala. Como resultado, o imediatismo da percepção “natural” é suplantado por um processo complexo de mediação; a fala como tal torna-se parte essencial do desenvolvimento cognitivo da criança.” (2003,p.43).

O aprimoramento e a aplicação das linguagens oral e escrita manifestam-se nas habilidades de falar e ouvir, ler e escrever. Faz parte da competência do professor observar como os alunos se relacionam entre si e com os adultos e verificar a qualidade da experiência comunicativa nas diversas situações de aprendizagem.

O papel do professor é atuar como mediador especializado junto ao aluno no processo ensino-aprendizagem, garantir o suprimento de transcrição Braille/tinta, tinta/Braille, ampliar textos, provas e outros, adaptar materiais didáticos em relevo para uso de alunos cegos ou com baixa visão, preparar materiais específicos para o uso do aluno com

deficiência visual, fornecer orientações gerais para o manejo das técnicas apropriadas ao uso do soroban, orientar o aluno quanto ao espaço físico da escola, favorecer a aquisição de conceitos e pistas espaços-temporais e possibilitar o conhecimento de ferramentas que facilitam o acesso à informática (ex. DOSVOX⁵ e Virtual Vision⁶). Os alunos enriquecem seu currículo participando e beneficiando-se da informática através do sistema DOSVOX, é também competência do educador operacionalizar as complementações curriculares específicas necessárias à educação do aluno cego, no que se refere às vivências de AVD e OM.

O trabalho realizado em orientação e mobilidade tem por finalidade proporcionar a pessoa cega ou de baixa visão, autonomia na locomoção e autoconfiança. Leva-se em conta as experiências, vivências, conhecimentos que a criança traz consigo e o que está por acontecer em sua trajetória. Segundo Vigotiski, 2003, p.47, “Além de reorganizar o campo visual-espacial, a criança, com o auxílio da fala cria um campo temporal que lhe é tão perceptivo e real quanto o visual. Ela pode perceber mudanças na sua situação imediata di ponto de vista de suas atividades passadas, e pode agir no presente com a perspectiva do futuro”, enquanto a criança cega muitas vezes chega à escola sem um “passado” de experiências como as que enxergam, não apresenta as rotinas da vida cotidiana de acordo com a sua idade, os seus conceitos básicos como esquema corporal, lateralidade, orientação espacial e temporal são quase inexistentes e sua mobilidade difícil, o que poderá levar à baixa estima e dificultando o seu ajustamento à situação escolar, isto é, a sua inclusão de fato. Tais efeitos diretos e indiretos são interdependentes, afetam o desenvolvimento da criança e, principalmente, a capacidade de orientação e mobilidade.

As Atividades da Vida Diária – AVD’s se referem a um conjunto de atividades que visam o desenvolvimento pessoal e social nos múltiplos afazeres do cotidiano, tendo em vista a independência, a autonomia e a convivência social do educando com deficiência visual. Tem como objetivos: proporcionar oportunidades educativas funcionais que habilitem o aluno com deficiência visual a desenvolver, de forma independente, seu autocuidado e demais tarefas no ambiente doméstico, promovendo seu bem-estar social, na escola e na comunidade.

Conclusão:

Este relato propõe-se a refletir sobre o processo de construção do trabalho realizado desde 1990 até 2009 com alunos cegos no município de Duque de Caxias, com a finalidade

⁵ Sistema operacional desenvolvido pelo núcleo de computação eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, possui um conjunto de ferramentas e aplicativos próprios além de agenda, chat e jogos interativos. Pode ser obtido gratuitamente por meio de download a partir do site do projeto.

⁶ Virtual Vision é o programa que permite aos deficientes visuais utilizar o ambiente Windows, seus aplicativos Office, e navegar pela Internet com o Internet Explorer. O Virtual Vision utiliza o DeltaTalk, a tecnologia de síntese de voz desenvolvida pela MicroPower®, garantindo uma grande qualidade do áudio em português.



3 a 6 de novembro de 2009 - Londrina – Pr - ISSN 2175-960X

de colaborar com uma prática educativa, assim, concluímos que ainda tem-se um longo caminho a percorrer para alcançar os ideais de educação para todos, e pautados nestes ideais de educação para todos tem-se como perspectiva para Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias a inclusão das pessoas cegas na escola mais próxima de sua residência com suporte em sala de recursos de acordo com suas especificidades.

Busca-se a construção de uma escola que favoreça a convivência com a diversidade, onde cada educando seja visto além de suas limitações, a formação continuada dos profissionais envolvidos enfoca prioritariamente as potencialidades e atributos de cada sujeito com suas peculiaridades.

Propõe-se uma educação na qual se defendam as possibilidades dos alunos, sem o enfoque na deficiência, a cegueira impõe uma reorganização para qual é necessário oferecer recursos específicos, mas a mesma condição que impõe especificidades, também é uma força para manifestação de capacidades.

“Por lo tanto, la ceguera no és solo um defecto, uma debilidad, sino también em cierto sentido uma fuente de manifestación de lãs capacidades, uma fuerza.
Vigotski(1989)

Bibliografia

BRASIL. MEC/SEESP. Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental – deficiência visual. V2. Fascículo IV. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.

BRASIL. MEC/SEESP. Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental – deficiência visual. V3. Fascículo IV. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.

FERNANDES, E.M. Construtivismo e Educação Especial. Revista Integração. Ministério da Educação e Desporto/ Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC, ano5- nº11, 1994

FREITAS M.T. Vygotsky e Bakhtin- Psicologia e Educação: um intertexto São Paulo: Ática,1994.

LEMONS,E.R.;CERQUEIRA,J.B.;VENTURINI,J.L.;ROSSI,T.F..O.Louis Braille: sua vida e seu sistema.Fundação Dorina Nowill para cegos. São Paulo,1999.



3 a 6 de novembro de 2009 - Londrina – Pr - ISSN 2175-960X

VEIGA, J.E. O que é ser cego. Rio de Janeiro: Jose Olimpio, 1983.

VYGOTSKY, Lev Semenoviçh. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L. S. Fundamentos da Defectologia. Obras Completas. Tomo 5. Playa, Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Ser ou Estar, eis a questão: explicando o déficit intelectual.- Rio de Janeiro: WVA, 1997.